Bolsas
Na sexta-feira
0,01% São Paulo
0,02% Nova York

Pontuação B3
Ibovespa nos últimos dias
137.913 — 136.340
12/8 13/8 4/8 15/8

Dólar
Na sexta-feira
R$ 5,398
(- 0,35%)

Últimos	
11/agosto	5,442
12/agosto	5,387
13/agosto	5,401
14/agosto	5,417

Salário mínimo
R$ 1.518

Euro
Comercial, venda na sexta-feira
R$ 6,317

CDI
Ao ano
14,90%

CDB
Prefixado 30 dias (ao ano)
14,91%

Inflação
IPCA do IBGE (em %)

Março/2025	0,56
Abril/2025	0,43
Maio/2025	0,26
junho/2025	0,24
Julho/2025	0,26

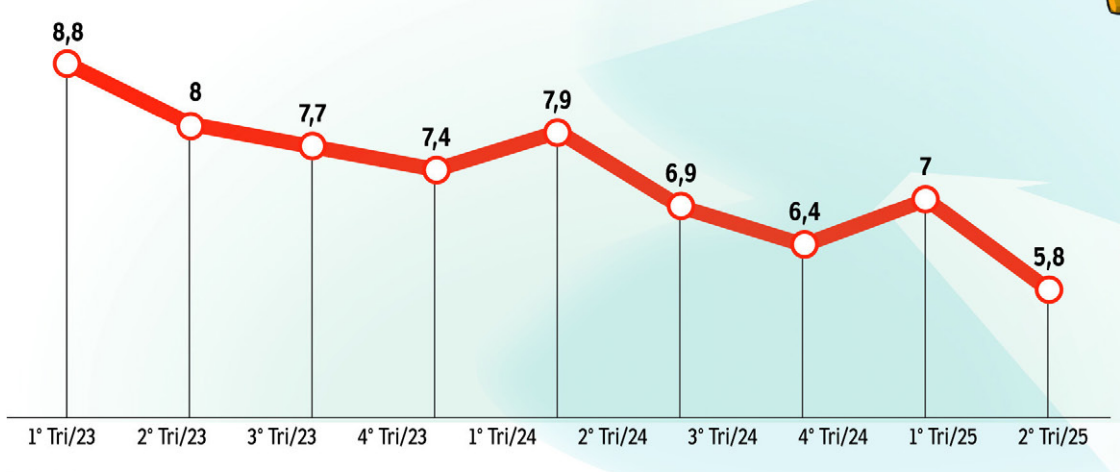
MERCADO DE TRABALHO

Desemprego cai ao menor nível da história

Com mercado aquecido, o segundo trimestre de 2025 registrou a menor taxa de desocupação de série do IBGE, iniciada em 2012

» FERNANDA STRICKLAND

Em queda
A taxa de desocupação do país no segundo trimestre de 2025 chegou a 5,8%, a menor da série iniciada em 2012
Em %



Fonte: IBGE

Valdo Virgo/CB/D.A Press

O mercado de trabalho brasileiro manteve o ritmo positivo e registrou, no segundo trimestre de 2025, a menor taxa de desocupação desde o início da série histórica da PNAD Contínua, em 2012. O índice ficou em 5,8%, segundo dados divulgados ontem pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Em comparação ao trimestre anterior, o desemprego caiu em 18 das 27 unidades da federação e se manteve estável nas demais nove.

Pernambuco (10,4%), Bahia (9,1%) e Distrito Federal (8,7%) apresentaram as maiores taxas de desocupação, enquanto Santa Catarina (2,2%), Rondônia (2,3%) e Mato Grosso (2,8%) registraram os menores índices. Os números consideram a reponderação da série histórica feita neste ano, com base nas projeções populacionais que incorporam os resultados do Censo 2022.

A queda no desemprego se refletiu em todas as faixas de tempo de procura por trabalho. Duas delas — entre 1 mês e menos de 1 ano, e entre 1 ano e menos de 2 anos — atingiram o menor contingente para um segundo trimestre desde 2012.

O destaque foi a redução de 23,6% no número de pessoas que procuravam emprego havia dois anos ou mais, totalizando 1,3 milhão no período. Para o analista do IBGE William Kratochwill, os dados indicam um cenário favorável. "O mercado de trabalho segue aquecido e resiliente, com mais oportunidades absorvendo trabalhadores, inclusive aqueles com mais dificuldade de recolocação", avaliou.

Gênero

Apesar da melhora geral, o recorte por gênero mostra que as mulheres seguem enfrentando maiores barreiras. A taxa de desocupação feminina foi de 6,9%, contra 4,8% entre os homens. No recorte por cor ou raça, brancos (4,8%) apresentaram taxa abaixo da média nacional, enquanto pretos (7,0%) e pardos (6,4%) ficaram acima. A escolaridade também é fator determinante: pessoas com ensino médio incompleto tiveram o índice mais alto (9,4%), e quem concluiu o ensino superior apresentou o menor (3,2%).

A taxa de informalidade para o Brasil foi de 37,8% da população ocupada. As maiores taxas ficaram com Maranhão (56,2%), Pará (55,9%) e Bahia (52,3%) e as menores, com Santa Catarina (24,7%), Distrito Federal (28,4%) e São Paulo (29,2%).

Para o analista do IBGE, estes dados são outra consequência de um mercado de trabalho aquecido. "A redução da taxa de informalidade é reflexo desse bom desempenho. O mercado de trabalho forte proporciona mais ocupação aos trabalhadores, formal e informalmente. Os números mostram um aumento de 1,8 milhão de ocupados, sendo 17,6% deles informais (318 mil), o que permite a redução da taxa", explicou Kratochwill.

Segundo Pedro Ros, CEO da Referência Capital, para que o avanço no emprego seja mais consistente. "O país precisa de uma política econômica orientada por reformas estruturais, como a simplificação tributária, a redução do custo do crédito e maior segurança jurídica. Um ambiente mais previsível e competitivo é essencial para destravar investimentos e acelerar contratações sustentáveis no setor privado", disse.

Para Jorge Kotz, CEO do Grupo X, a geração de vagas sustentáveis passa por uma agenda de educação empresarial e acesso facilitado ao crédito. "Precisamos preparar melhor os empreendedores para gerir seus negócios e adotar políticas públicas que incentivem o crescimento das empresas de forma estruturada", pontuou.

Informalidade

A taxa de informalidade no país foi de 37,8% no segundo trimestre. O Maranhão lidera o ranking (56,2%), seguido por Pará (55,9%) e Bahia (52,3%). Já Santa Catarina (24,7%), Distrito Federal (28,4%) e São Paulo (29,2%) registraram os menores índices.

Segundo Kratochwill, a tendência é consequência do bom momento do mercado: "O aumento de 1,8 milhão de ocupados, sendo 17,6% informais, contribuiu para reduzir a taxa de informalidade, já que a maior parte das novas vagas foi formalizada."

O IBGE calcula a taxa de informalidade considerando empregados sem carteira assinada, empregadores e trabalhadores por conta própria sem CNPJ, além de trabalhadores familiares auxiliares. "O mercado de trabalho está reagindo, mas ainda há uma ociosidade preocupante. Em um país com alto nível de informalidade e crédito escasso, a retomada do emprego depende diretamente da confiança dos empresários. É urgente avançar em políticas de estímulo à reestruturação de empresas, acesso ao crédito e desoneração da folha, especialmente para setores mais intensivos em mão de obra", afirmou André Matos, CEO da MA7 Negócios.

Em palestra sobre pejotização, Barroso ouve protesto

O ministro Luís Roberto Barroso, presidente do Supremo Tribunal Federal (STF), afirmou, ontem, em uma palestra na Faculdade de Direito da USP, em São Paulo, que as novas relações contratuais de trabalho são um tema debatido no mundo inteiro e, no Brasil, precisa buscar regras mais adequadas.

O STF vai julgar, em breve, a chamada "pejotização" do trabalho. Todos os processos sobre o tema em tramitação no país estão paralisados aguardando uma decisão da Corte.

Segundo Barroso, a realidade de alguns segmentos do mercado de trabalho é incompatível com a "rigidez" da CLT. "Há um mercado de trabalho que já não é mais um mercado metalúrgico", afirmou.

O presidente do STF disse ainda que, "em muitos casos", motoristas e entregadores de aplicativo querem "flexibilidade" e não "a subordinação tradicional do direito de trabalho". As declarações foram feitas em uma palestra sobre os impactos da inteligência artificial (IA) nas relações de trabalho.

Manifesto

Na chegada, Barroso foi recebido com faixas e gritos de "pejotização é fraude" e "eu digo não à pejotização", em protesto organizado por sindicalista no Salão Nobre da Faculdade de Direito. Após o ministro prometer receber o grupo, os manifestantes ficaram em silêncio durante a apresentação, mas mantiveram os cartazes e faixas erguidos.

"Se você montarem um pequeno grupo, eu ouço as reivindicações com todo interesse para discutirmos as questões e as visões possíveis na vida. Ninguém tem o monopólio da verdade, da virtude. A vida é feita do diálogo e eu estou à disposição para ouvir os argumentos e colocar os argumentos que tem prevalecido no Supremo que é predominantemente de natureza tributária antes de ser de natureza trabalhista", disse Barroso.

Ele se reuniu com o grupo ao final da palestra. Em nota, o STF informou que Barroso "ouviu as preocupações do grupo, fez perguntas a respeito do dia a dia de trabalho e recebeu um manifesto em defesa dos direitos trabalhistas e da dignidade humana".

Barroso foi conferencista na abertura do encontro do Grupo de Estudos de Direito Contemporâneo do Trabalho e da Seguridade Social (Getrab). A apresentação da palestra foi feita pela ministra Maria Cristina Peduzzi, do Tribunal Superior do Trabalho (TST). Em sua fala, o presidente tratou da necessidade de capacitar e requalificar os trabalhadores que possam, eventualmente, ter os serviços substituídos pela IA.

MERCADO FINANCEIRO

Dólar atinge o menor valor em 14 meses

» RAPHAEL PATI

No último pregão da semana, o dólar voltou a registrar queda em relação ao real. Ontem, o câmbio da moeda norte-americana recuou 0,35%, cotado a R$ 5,39. É a primeira vez que a semana encerra com o valor da divisa abaixo de R$ 5,40 desde o dia 14 de junho de 2024. Nos últimos cinco dias, o câmbio acumulou queda de 0,64%.

O aguardado encontro entre o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, e o presidente da Rússia, Vladimir Putin, no estado norte-americano do Alasca, agitou o noticiário político e econômico. Com uma forte especulação sobre qual seria o desfecho da cúpula, os principais índices de Nova York fecharam mistos, com o Dow Jones registrando uma ligeira alta de 0,08%, enquanto que Nasdaq e S&P 500 recuaram 0,4% e 0,29%, respectivamente.

Os investidores norte-americanos ainda digerem resultados negativos durante a semana, como os dados da inflação pelo índice de preços ao produtor (PPI, na sigla e inglês) em julho, que veio acima das expectativas, e a confiança do consumidor no mesmo mês, que foi mais fraca do que o esperado para o período.

O analista econômico e membro do CFA Society Brazil, Harrison Gonçalves, acredita que a recente desvalorização do dólar está alinhada com uma estratégia mais ampla dos Estados Unidos para fortalecer sua competitividade industrial e comercial no cenário global. "Ao reduzir o valor relativo da moeda, os produtos americanos se tornam mais baratos no mercado internacional, favorecendo exportações e incentivando a produção doméstica", destaca.

Para o especialista, a política está alinhada a medidas tarifárias e incentivos internos que estimulam empresas estrangeiras a instalar operações produtivas no país. Com o dólar mais fraco, Gonçalves considera que os preços de produtos em território americano se tornam relativamente mais atrativos, enquanto que as importações ficam mais caras.

"Embora o movimento possa gerar pressão inflacionária no curto prazo, o governo americano considera prioritário o ganho em termos de geração de empregos, arrecadação e liderança comercial global", acrescenta.

Reprodução/Stoodi

O Ibovespa se manteve estável, com pequena queda de 0,01%

Ibovespa estável

Enquanto isso, o Índice da Bolsa de Valores de São Paulo (Ibovespa/B3) encerrou o dia praticamente estável, com uma queda mínima de 0,01%, aos 136.340 pontos. No acumulado da semana, a bolsa brasileira valorizou 0,31%. Para o economista-chefe da Bluemetrix Asset, Renan Silva, o pacote apresentado pelo governo na última quarta-feira, que prevê medidas para compensar perdas em setores afetados pelo tarifaço, embora tenha impacto nas contas públicas "gerou alguma tensão, mas não o suficiente para mudar o humor ou a tendência da bolsa de valores e também da taxa de juros."